

Desordem Informativa no Contexto da Pandemia de Covid-19

Gisiela Klein

Universidade de Coimbra - uc2022239151@student.uc.pt

Resumo

Em tempos de pandemia, a desordem informativa pode provocar danos irreparáveis, colocando em risco a vida de pessoas e a estabilidade de nações. Este trabalho objetiva alcançar o estado da arte sobre os estudos acadêmicos que tratam de desordem informativa no contexto da pandemia de Covid-19. Para tanto, realizou-se uma revisão sistemática expondo o *corpus* científico referente ao tema entre os anos de 2020 e 2022. Foram analisados 59 artigos acadêmicos nas línguas inglesa e portuguesa com acesso aberto nas bases de

dados *Scopus*, *Web of Science* e *Communication & Mass Media*. Os resultados demonstram que, no período analisado, os estudos acadêmicos se concentraram em seis eixos principais: 1) motivação para consumir e compartilhar os conteúdos, 2) literacia mediática, 3) regulação das plataformas digitais, 4) *fact-checking* e os efeitos das correções na receção, 5) teoria da inoculação e 6) revisões de literatura. De forma geral, o *corpus* acadêmico sobre desordem informativa no contexto da pandemia de Covid-19 se mostrou bastante consistente.

Palavras-chave: desinformação, notícias falsas, informação falsa, infodemia.

Information Disorder on COVID-19 Pandemic Context

Abstract

In pandemic moments, information disorder can cause irreparable harm, endangering the lives of people and the stability of nations. This work aims to achieve the state of the art regarding academic studies addressing information disorder in the context of the Covid-19 pandemic. To this end, a systematic review was conducted, exposing the scientific corpus related to the topic between the years 2020 and 2022. Fifty-nine academic articles were analyzed in English and Portuguese, with open access, from the Scopus, Web of Science, and

Communication & Mass Media databases. The results demonstrate that, during the analyzed period, academic studies focused on six main axes: 1) motivation for consuming and sharing content, 2) media literacy, 3) regulation of digital platforms, 4) fact-checking and the effects of corrections on reception, 5) inoculation theory, and 6) literature reviews. Overall, the academic corpus on information disorder in the context of the Covid-19 pandemic proved to be quite consistent.

Keywords: disinformation, misinformation, *malinformation*, fake news, infodemic.

INTRODUÇÃO

O caótico cenário de uma pandemia foi agravado na década de 2020, um tempo de desordem informativa sem precedentes na história moderna. As pandemias, assim como as mentiras e meias verdades, não são novidade. Mas ambos os fenômenos em um contexto de globalização, comunicação digital e em rede nos levou ao que a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou como infodemia - um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que torna difícil encontrar fontes idôneas e orientações fiáveis¹. Wardle & Derakhshan (2017) definem o fenômeno como desordem informativa onde ocorre criação, produção e compartilhamento de conteúdo classificado como: “*misinformation*” – informação falsa que é partilhada, mas não tem como objetivo causar danos; “*disinformation*” – informação falsa partilhada com o objetivo de causar danos; e “*malinformation*” – informação que é baseada na realidade com a intenção de causar dolo.

A desordem informativa ganha escala exponencial com a comunicação digital em rede. Com o apoio de *bots*, algoritmos projetados para atuar como humanos na troca de dados, o conteúdo a circular pelos dispositivos digitais chega a uma quantidade impossível de ser processada pelo cérebro humano (Benito-Ruiz, 2009). A sobrecarga de informação acaba por provocar desinformação.

Além disso, o ambiente digital provocou distorções significativas nos processos de comunicação, acentuando os efeitos das câmeras de eco (Duffy, Tandoc & Ling, 2020) e das bolhas informativas (Pariser, 2011), bem como da busca por aprovação social por meio dos mecanismos de autopromoção das redes sociais (Islam, Laato, Talukder & Sutinen, 2020). Durante a pandemia, o cenário piorou. Boa parte da população mundial enfrentou o isolamento com alterações nas rotinas privada, social e laboral. Entre as consequências documentadas pela ciência estão o aumento no tempo de conexão às redes sociais e o aumento de distúrbios de autorregulação, fadiga social, ansiedade e estresse (Borah, Irom & Hsu, 2021; Islam et al., 2020; Khan, 2021; Pennycook, McPhetres, Zhang, Lu & Rand, 2020; Pennycook, Epstein, Mosleh, Arechar, Eckles & Rand, 2021; Pennycook & Rand, 2020).

Neste contexto, este estudo recolheu e analisou 59 artigos nas línguas inglesa e portuguesa entre os anos de 2020 e 2022 com o intuito de perceber como o cenário de desordem informativa impactou a comunicação durante a pandemia de Covid-19.

1 Declaração em 15 de fevereiro de 2020 durante a Conferência de Munich. Disponível em <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/munich-security-conference>.

A bibliografia analisada demonstra que, neste período, os estudos acadêmicos se concentraram em seis eixos principais: 1) motivação para consumir e compartilhar os conteúdos, 2) literacia mediática, 3) regulação das plataformas, 4) *fact-checking* e os efeitos das correções na recepção, 5) teoria da inoculação e 6) revisões de literatura.

METODOLOGIA

O presente estudo é uma revisão sistemática da literatura com objetivo de alcançar o estado da arte referente à temática pesquisada. A revisão foi realizada em cinco etapas: 1) delimitação do tema da pesquisa; 2) definição das bases de dados, dos grupos de descritores e dos limitadores de busca; 3) extração e categorização dos estudos encontrados; 4) análise do material selecionado; e 5) interpretação dos resultados.

A etapa 1 teve início com uma revisão não sistemática da literatura acerca dos temas *fake news* e comunicação durante a pandemia de Covid-19. Tandoc, Lim e Ling (2017) apontam para a complexidade do termo *fake news*. Os autores analisaram 34 artigos acadêmicos que tratam da nomenclatura e concluíram que o termo se transformou em ‘palavra da moda’, principalmente após as eleições presidenciais norte-americanas em 2016. Os estudos costumam classificar as *fake news* em seis tipologias: (1) sátira de notícias, (2) paródia de notícias, (3) fabricação, (4) manipulação, (5) publicidade e (6) propaganda. Entretanto, os autores alertam para a descontextualização do termo, especialmente em narrativas políticas. No presente artigo, optamos pelo conceito de desordem informativa (Wardle & Derakhshan, 2017) por considerarmos mais abrangente e apropriado ao cenário pandêmico (Hansson, Orru, Torpan, Bäck, Kazemekaityte, Meyer, Ludvigsen, Savadori, Galvagni & Pigrée, 2021). Após a etapa inicial de descobrimento, o tema da pesquisa foi resumido na pergunta: como o cenário de desordem informativa impactou a comunicação durante a pandemia de Covid-19?

Na etapa 2, foi definido o plano estratégico de busca. Foram selecionadas três bases de dados: *Scopus*, *Web of Science* e *Communication & Mass Media*. A tabela 1 traz a visão geral da estratégia de busca.

Tabela 1

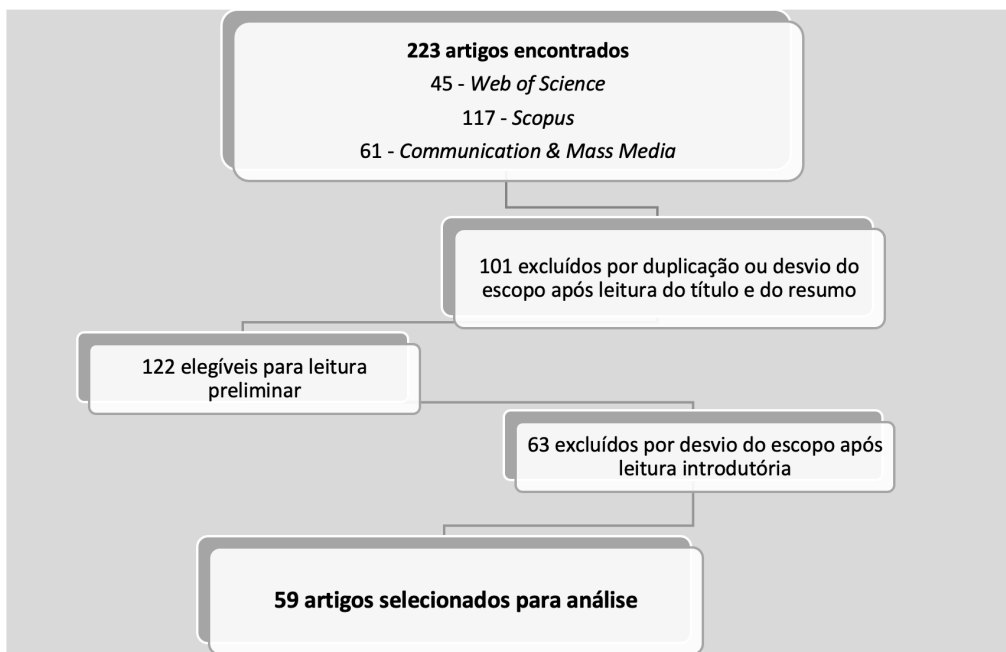
Estratégia de busca para levantamento do estado da arte sobre desordem informativa e comunicação durante a pandemia de Covid-19.

Base	Data da coleta dos dados	Grupo de descritores	Limitadores
Web of Science	09/01/2023	("fake news") OR (disinformation) OR (misinformation) OR ("information disorder") AND ("Covid*") (Títulos da publicação) OR ("fake news") OR (disinformation) OR ("information disorder") AND ("Covid*") (Resumo) or ("fake news") OR (disinformation) OR (misinformation) OR ("information disorder") AND ("Covid*") (Palavras-chave de autor) and Highly Cited Papers and 6.185 Communication or 6.69 Language & Linguistics or 4.13 Telecommunications or 6.73 Social Psychology (Citation Topics Meso)	Data: 01/01/2020 a 31/12/2022; Texto integral, artigos acadêmicos, revisados por pares e com acesso aberto. Idiomas: português e inglês.
Scopus	11/01/2023	(TITLE-ABS-KEY ("fake news") OR TITLE-ABS-KEY (disinformation) OR TITLE-ABS-KEY (misinformation) OR TITLE-ABS-KEY ("information disorder") AND TITLE-ABS-KEY ("Covid*")) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA, "SOCT") OR LIMIT-TO (SUBJAREA, "ARTS")) AND (LIMIT-TO (DOCTYPE, "ar")) AND (LIMIT-TO (PUBYEAR, 2022) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2021) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2020)) AND (LIMIT-TO (LANGUAGE, "English") OR LIMIT-TO (LANGUAGE, "Portuguese")) AND (LIMIT-TO (PUBSTAGE, "final")) AND (EXCLUDE (EXACTKEYWORD, "COVID-19")) AND (EXCLUDE (EXACTKEYWORD, "Social Media") OR EXCLUDE (EXACTKEYWORD, "Covid-19")) AND (EXCLUDE (EXACTKEYWORD, "COVID-19 Pandemic")) AND (LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Fake News")) OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Misinformation") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Disinformation") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Infodemic") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Conspiracy Theories") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Health Communication") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Media") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Twitter") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "COVID-19 Misinformation") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Crisis Communication") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Facebook") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Media Literacy") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Risk Communication") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Communication") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Fake News Detection") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Information Dissemination") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Information Literacy") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Information Overload") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "COVID-19 News") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Digital Literacy") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "False News")) OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Health Information") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Infodemia") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Information Environment") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD, "Media Disinformation"))	Data: 01/01/2020 a 31/12/2022; Texto integral, artigos acadêmicos, revisados por pares e com acesso aberto. Idiomas: português e inglês.
Communication & Mass Media (pertencente à EBSCO)	12/01/2023	TI (("fake news") OR (disinformation) OR (misinformation) OR ("information disorder") AND ("Covid*")) OR AB (("fake news") OR (disinformation) OR (misinformation) OR ("information disorder") AND ("Covid*"))	Data: 01/01/2020 a 31/12/2022; Texto integral, artigos acadêmicos, revisados por pares e com acesso aberto. Idiomas: português e inglês.

Na etapa 3 do presente estudo, foram extraídos e categorizados os artigos que resultaram da busca sistemática. A Figura 1 traz o resultado quantitativo da etapa 3.

Figura 1

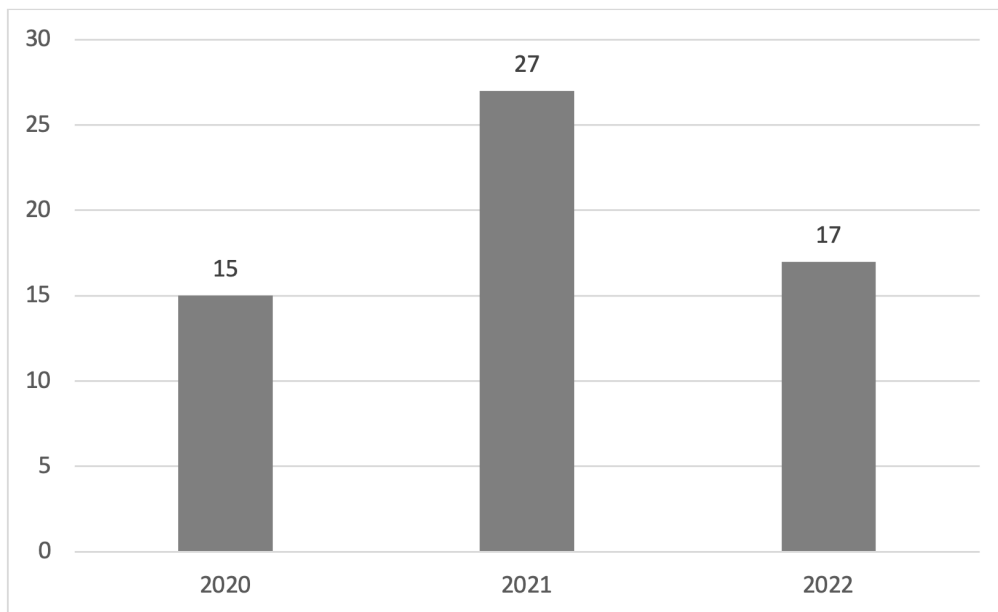
Resumo do resultado quantitativo da pesquisa sistemática.



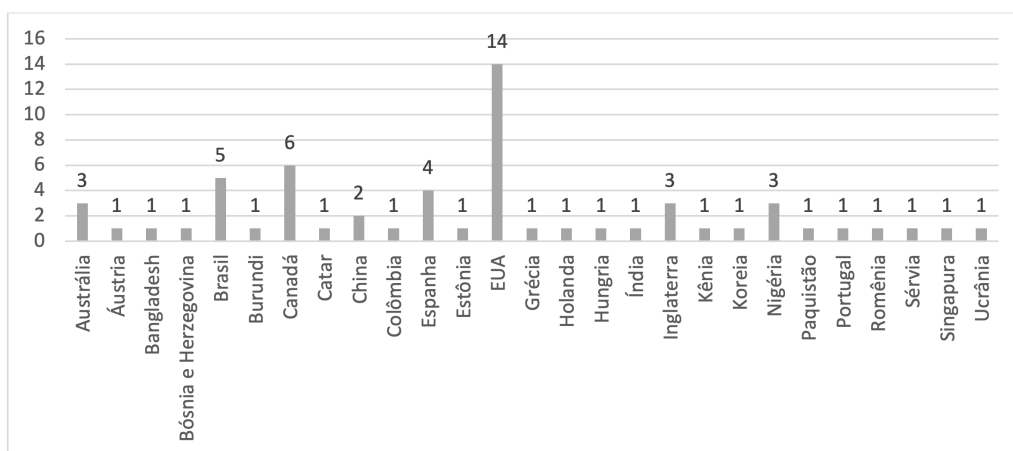
Os 59 artigos resultantes da seleção foram classificados, ainda, quanto ao ano e país de publicação, sendo que o país considerado foi o local onde o estudo foi realizado ou o local de coleta da amostra, no caso dos estudos empíricos (Figuras 2 e 3).

Figura 2

Número de artigos por ano de publicação.

**Figura 3**

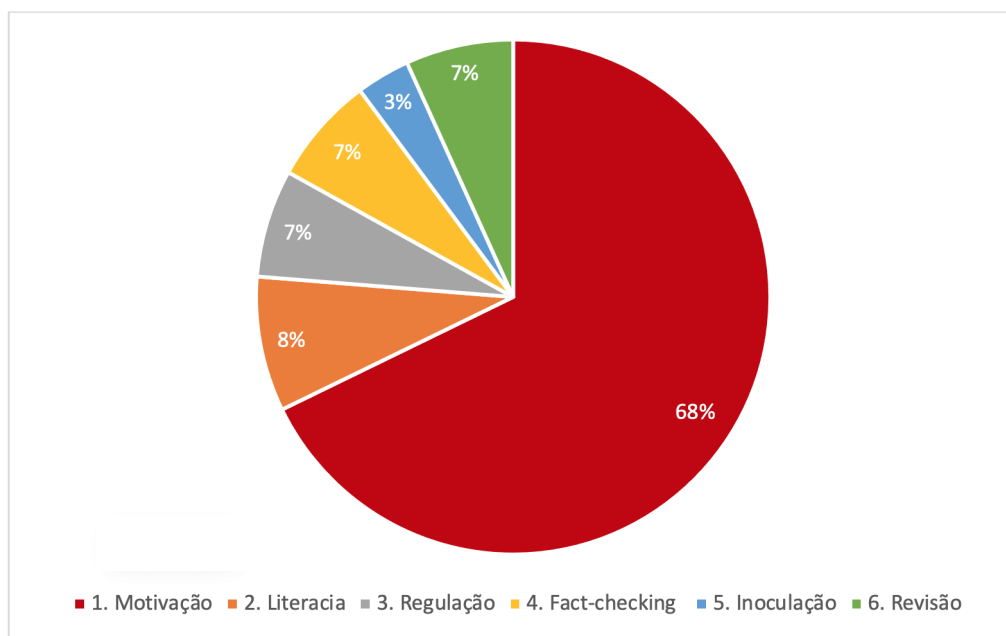
Número de artigos por país onde o estudo foi realizado ou a amostra coletada, no caso de estudos empíricos.



Na etapa 4 da presente pesquisa, foram analisados em profundidade os 59 artigos selecionados. A análise demonstrou que, no período entre 2020 e 2022, os estudos acadêmicos se concentraram em seis eixos principais: 1) motivação para consumir e compartilhar os conteúdos, 2) literacia mediática, 3) regulação das plataformas, 4) *fact-checking* e os efeitos das correções na recepção, 5) teoria da inoculação e 6) revisões de literatura. A Figura 4 mostra a incidência de cada uma destas temáticas na amostra analisada.

Figura 4

Temas encontrados nos artigos analisados.



Os artigos que tratam das motivações individuais para o consumo e compartilhamento de conteúdos inverídicos ou descontextualizados predominaram no período analisado (Figura 4). Os investigadores procuram perceber por que o indivíduo falha no julgamento sobre o nível de falsidade ou veracidade de uma informação (Eysenbach, 2020; Pennycook et al., 2020; Pennycook & Rand, 2021). O perfil psicológico do usuário mais propenso a acreditar e/ou compartilhar uma desinformação também é analisado neste eixo temático de artigos.

Os estudos em literacia mediática, por sua vez, abrangem propostas para reduzir o quadro de desinformação por meio de programas e metodologias de ensino. Já os artigos que tratam de regulação são voltados ao cenário jurídico internacional para normatização das plataformas de comunicação digital e das mídias sociais. Os textos classificados como *fact-checking* tratam dos possíveis efeitos das verificações de notícias falsas. Entre as teorias abordadas por estes artigos está o chamado ‘tiro pela culatra’, um fenômeno que explica o porquê de um indivíduo acreditar em uma notícia falsa mesmo após a correção ou desmentido da informação.

Os artigos que integram o eixo inoculação tratam de um comportamento observado pelos investigadores entre as pessoas que têm contato com uma informação verdadeira acompanhada de alertas ou exemplos de possíveis desinformações relacionadas ao mesmo tema. Nestes casos, os resultados sugerem que há um efeito positivo no sentido de reverter a desordem informativa. Por fim, os artigos classificados como ‘revisão’ são revisões estruturadas de literatura que relacionam a pandemia à desordem informativa.

A quinta e última etapa do estudo ocorreu com a interpretação dos dados coletados nos estudos científicos. Além dos 59 artigos que resultaram da busca sistemática, foram considerados os estudos complementares analisados durante a revisão narrativa.

DESORDEM INFORMATIVA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

A desordem informativa durante a pandemia de Covid-19, também chamada de infodemia (Eysenbach, 2020), contribuiu, entre outros problemas, para a resistência à vacinação por parte da população (Amarante, 2020; di Domenico, Nunan & Pitardi, 2022; Halafoff, Marriott, Fitzpatrick & Weng, 2022; Patel, Moncayo, Conroy, Jordan & Erickson, 2020; Shen & Zhou, 2021); para o aumento do discurso de ódio contra estrangeiros em alguns países, especialmente contra os asiáticos (Jang, Rempel, Roth, Carenini & Janjua, 2021; Wright & Duong, 2021); e para o agravamento de doenças psicológicas (Khan, 2021). Informações falsas, controversas, descontextualizadas e a sobrecarga de dados nos meios digitais contribuíram para o aumento no nível de estresse e ansiedade da população, que já enfrentava o isolamento social e a insegurança na saúde e economia (Borah et al., 2021; Escolà-Gascón, Dagnall & Gallifa, 2021; Khan, 2021; Pennycook et al., 2020, 2021; Pennycook & Rand, 2020).

Sempre que um indivíduo entra em contato com uma informação, ele é capaz de raciocinar e discernir sobre seu nível de falsidade ou veracidade (Eysenbach, 2020; Pennycook et al., 2020; Pennycook & Rand, 2021). No quadro de desordem informativa, as pessoas falham no julgamento sobre verdade ou falsidade porque não param para refletir suficientemente sobre seu conhecimento prévio ou têm conhecimento prévio insuficiente ou impreciso. Além disso, o uso de heurísticas ou atalhos mentais também distorcem nosso raciocínio, bem como a exposição contínua às informações inverídicas, que conduz à sensação de familiaridade. A fonte da informação é outra pista importante. Somos mais propensos a acreditar nas informações fornecidas por pessoas e instituições que consideramos confiáveis e com as quais temos prévio alinhamento de ideias (Bruns, Harrington & Hurcombe, 2020; Pennycook & Rand, 2021). Por fim, a desinformação costuma ser emocionalmente evocativa, envolvendo as pessoas em uma tempestade de sentimentos, o que contribuiu para a confusão mental (Pennycook & Rand, 2021; Wardle & Derakhshan, 2017).

No contexto digital, o desafio para o cérebro humano é ainda maior. O caráter revolucionário das novas mídias digitais altera profundamente os processos de comunicação e as condições para que o indivíduo delibere sobre o que é informação verdadeira ou não. O número de agentes e instituições disputando nossos pensamentos e sentimentos é imenso, nos confunde e desestabiliza (Amaral, Correia & Jerónimo, 2022; Amaral & Santos, 2019; Fachin, de Araujo & de Sousa, 2020; Figueira & Santos, 2019; Habermas, 2022; Han, 2022; Oji, 2022; Pennycook & Rand, 2020; van Dijk, 2017; Wardle & Derakhshan, 2017). “Existe, hoje, um quadro de overdose informacional, espetacularização e fugacidade que resulta numa dessensibilização em relação à importância da informação verdadeira” (Correia Santos, 2021, p. 134).

Esse quadro é descrito por Islam et al. (2020) por meio da teoria da fadiga social (*social media fatigue* - SMF). A sobrecarga de informações nas redes sociais exige esforço extraordinário do nosso cérebro para alcançar a compreensão. Uma resposta natural do nosso sistema cognitivo é se afastar do novo conhecimento e permanecer com informações já conhecidas, mesmo que inverídicas (Han, 2022; Islam et al., 2020; van Dijk, 2017; Wardle, 2018; Wardle & Derakhshan, 2017).

Pesquisas empíricas sobre o comportamento humano frente à desordem informativa durante a pandemia indicam que há perfis mais propensos a aceitar informações inverídicas. De uma forma geral, estão neste grupo as faixas etárias mais elevadas, os com literacia e renda mais baixas, além daqueles alinhados às ideias de lideranças políticas ou religiosas (Arcila-Calderón, Blanco-Herrero & Oller-Alonso, 2021;

Besalú, Pont-Sorribes & Martí, 2021; Bruns et al., 2020; Buturoiu, Corbu, Oprea & Botan, 2022; Das & Ahmed, 2022; Gruzd & Mai, 2020; Hansson, Orru, Torpan, Bäck, Kazemekaityte, Meyer, Ludvigsen, Savadori, Galvagni & Pigrée, 2021; Haupt, Li & Mackey, 2021; Jang et al., 2021; Javed, Usama, Iqbal, Qadir, Tyson, Castro & Gari-mella, 2022; Kim & Kim, 2020; Rajasekhar, Makesh & Jaishree, 2021; Salas-Paramo & Escandon-Barbosa, 2022; Stubenvoll, 2022; Su, 2021; Teovanović, Lukić, Zupan, Lazić, Ninković & Žeželj, 2021; Uwalaka, Nwala & Chinedu, 2021; Weil & Wolfe, 2022).

Há, ainda, outro grupo descrito por Shen & Zhou (2021) que tende ao egocentris-mo epistêmico, viés cognitivo caracterizado pela incapacidade de diferenciar entre o eu e os outros e de assumir ou perceber qualquer perspectiva diferente da própria (Shen & Zhou, 2021). Indivíduos que hesitam em se vacinar por acreditarem que há uma relação entre a vacina e o autismo, por exemplo, são enquadrados neste grupo pela literatura.

Em países com baixa literacia, as plataformas de mensageria, especialmente as que permitem o compartilhamento de áudios, facilitam a desordem informativa. O processo de criação e distribuição dos áudios é relativamente simples, as ofertas comerciais dos provedores de internet são mais acessíveis e o formato da mensagem em áudio estimula o vínculo emocional.

Os usuários experimentam um tipo de comunicação mais íntimo e um vínculo emocional que leva a uma sensação de união, algo que o uso do texto torna mais desafiador. Além disso, o áudio facilita simultaneamente a integração de uma população com níveis de alfabetização mais baixos (Cardoso, Sepúlveda & Narciso, 2022, p. 3).

Acreditar em uma informação é o primeiro momento. O segundo é a decisão em compartilhar ou não tal informação. Os motivos que levam um indivíduo a acreditar em algo falso ou impreciso podem ser diversos daqueles que o levam a compartilhar as inverdades (Apuke & Omar, 2021; Duffy et al., 2020; Hodson, O'Meara, Thompson, Houlden, Gosse & Veletsianos, 2022).

Islam et al. (2000) listam seis fatores que teriam levado as pessoas a compartilhar conteúdo falso ou equivocado nas redes sociais durante a pandemia: i) a fadiga social provocada pela sobrecarga informacional; ii) a busca por aprovação social; iii) o caráter hedônico das redes; iv) o fato de as pessoas passarem mais tempo conectadas

em casa durante a pandemia, o que permitiu que elas ficassem mais tempo nas redes sociais; v) o aumento do distúrbio conhecido como DS-R (*deficient self-regulation*), em função da dificuldade em estabelecer uma rotina durante o confinamento; e vi) a religiosidade. Pessoas religiosas seriam mais sensíveis a informações que remetam à intervenção divina e à verdade não verificável (Halafoff, Marriott, Fitzpatrick & Weng, 2022; Islam et al., 2020; Paviotti, 2021).

De uma forma geral, as pessoas preferem compartilhar informações que parecem úteis para sua realidade pessoal. Neste sentido, conteúdos que reforçam conceitos prévios acabam sendo favorecidos (Islam et al., 2020).

Quando temos uma escolha sobre com quem nos conectar ou não, tendemos a estabelecer e continuar relacionamentos com pessoas que têm pontos de vista semelhantes aos nossos. Estamos programados para gostar de passar o tempo em ‘câmaras de eco’, pois requer menos trabalho cognitivo (Wardle & Derakhshan, 2017, p. 49).

Outra característica das informações compartilhadas é o apelo emocional. Geralmente, informações exageradamente ruins ou bizarras despertam a atenção do destinatário. Essa atenção por parte do destinatário oferece certo prestígio à pessoa que compartilha o conteúdo por meio de um sistema de recompensas materializado em seguidores, cliques, *views*, *likes*, entre outros (Han, 2022).

Quando as pessoas usam a mídia social para fins de autopromoção, elas precisam equilibrar entre o que compartilhar e o que não compartilhar, a fim de manter uma imagem positiva de si mesmas. Isso pode ser cada vez mais difícil em situações como a pandemia de COVID-19, onde não é fácil conceituar qual informação é relevante e confiável (Islam et al., 2020, p. 4).

POSSÍVEIS CAMINHOS PARA MINIMIZAR A DESORDEM INFORMATIVA

Em crises de saúde pública, a apatia e a negação são os maiores desafios de comunicação. É comum instituições (governos e organizações de saúde) tentarem evitar o pânico entre a população e construírem discursos amenos sobre as possíveis ameaças

de uma crise de saúde pública (van der Meer & Jin, 2020). A preocupação deveria ser no sentido de despertar a população para os problemas e, assim, reduzir os danos causados pela desinformação (Domingues, 2021; Emojong, 2021)

Corrigir a desinformação é importante, mas é preciso cautela para não obter resultado contrário e acabar por dar mais ênfase ao erro (Fachin et al., 2020; Uwalaka et al., 2021; Wardle & Derakhshan, 2017). Apelidado de ‘tiro pela culatra’, o fenômeno pode ocorrer quando a verificação de uma desinformação desafia as visões de mundo de uma pessoa. Nesses casos, suas crenças podem, ironicamente, saírem fortalecidas apesar da evidência contrária (Cook, Lewandowsky & Ecker, 2017).

Os estudos sobre exposição a evidências corretivas apontam diferentes reações por parte da audiência. Uma mensagem curta e direta que simplesmente corrige uma informação equivocada é assimilada, mas tende a não gerar mudança no comportamento do público. Já mensagens construídas dentro de uma narrativa teatralizada, explorando recursos de *storytelling*, além de assimiladas, tendem a provocar algum nível de mudança comportamental (Hameleers & van der Meer, 2020; Malecki, Keating & Safdar, 2021; van der Meer & Jin, 2020).

Os achados corroboram com as deduções de Wardle & Derakhshan (2017) de que a comunicação vai além de uma mensagem passada de uma pessoa para outra. São, na verdade, representações de crenças compartilhadas. “Precisamos combater rumores e conspirações com narrativas envolventes e poderosas que utilizam as mesmas técnicas da desinformação” (Wardle & Derakhshan, 2017, p. 78).

Outra estratégia é aplicar a ‘teoria da inoculação’. O *pre-bunking* ou inoculação é semelhante a uma vacina e consiste em apresentar uma informação verdadeira acompanhada das possíveis desinformações relacionadas ao assunto. Assim, o contato prévio com a desinformação, mas de forma contextualizada e acompanhada da verificação, agiria como um imunizante, levando o indivíduo a um processo de questionamento e racionalização (Cook et al., 2017; van der Linden, Leiserowitz, Rosenthal & Maibach, 2017; van der Linden, Roozenbeek & Compton, 2020; Vivion, Anassour Laouan Sidi, Betsch, Dionne, Dubé, Driedger, Gagnon, Graham, Greyson, Hamel, Lewandowsky, MacDonald, Malo, Meyer, Schmid, Steenbeek, van der Linden, Verger, Witteman & Yesilada, 2022). “Verificou-se que as mensagens de inoculação são mais eficazes em transmitir resistência à desinformação do que mensagens de apoio, ou seja, mensagens que promovem informações precisas sem mencionar a desinformação” (Cook et al., 2017, p. 4).

Na busca por alternativas que minimizem os efeitos negativos da desordem informativa, há alguns caminhos complementares. As soluções passam por ajustes nos algoritmos das plataformas digitais (van Dijk, 2017); punição dos produtores de conteúdos falsos e limitação da publicidade destes conteúdos (Manganello, Bleakley & Schumacher, 2020); o silêncio estratégico em alguns casos, evitando o ‘tiro pela culatra’ (Fachin et al., 2020; Uwalaka et al., 2021); a identificação das fontes de desinformação (Messaoud, 2021); a regulação dos meios digitais de comunicação (Messaoud, 2021; Neuwirth, 2022; Polyák & Nagy, 2021; Wardle & Derakhshan, 2017) e programas de literacia (Andreatta, 2021; Musi, O’halloran, Aloumpi, Carmi & Yates, 2022; Oji, 2022; Paris, Carmien & Marshall, 2022; Puig, Blanco-Anaya & Pérez-Maceira, 2021; Trninić, 2021; Veletsianos, Houlden, Reid, Hodson & Thompson, 2022).

É preciso treinar novamente nossos cérebros para buscar pontos de vista alternativos. Algumas pessoas compararam nossa dieta informativa à nutricional, afirmando que, da mesma forma que tivemos que ser educados para ver o valor de uma dieta rica em frutas e vegetais, precisamos dar rótulos «nutricionais» às informações para compreendermos o valor de uma dieta de mídia com uma variedade de pontos de vista políticos (Wardle & Derakhshan, 2017, p. 56).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura demonstrou que a comunicação durante a pandemia foi impactada negativamente pelo cenário de desordem informativa. A incerteza provocada por notícias falsas, descontextualizadas ou imprecisas prejudicou políticas públicas, especialmente em relação à vacinação. A disseminação das informações também contribuiu para o discurso de ódio e o agravamento de doenças psicológicas e do nível de estresse e ansiedade.

O *corpus* acadêmico sobre desordem informativa no contexto da pandemia de Covid-19 se mostrou bastante consistente. Os estudos sobre recepção da desinformação e as motivações psicológicas e sociais para o compartilhamento do conteúdo são vastos e bem fundamentados. A coleta de dados é uma limitação encontrada nos estudos. No caso de redes sociais abertas, a coleta é facilitada, mas em plataformas fechadas (mensageria e grupos fechados no Facebook, por exemplo), há uma limitação técnica e ética para a coleta e análise dos dados.

As investigações sobre literacia em ciência começam a despontar com propostas pedagógicas inovadoras voltadas, especialmente, para o público jovem. Há poucos estudos, entretanto, sobre literacia para o público de idade mais elevada, justamente o que apresenta vulnerabilidade à desordem informativa nos meios digitais.

No campo da Comunicação, destaque para as pesquisas sobre os resultados do trabalho realizado pelas agências de checagem, que podem ser relacionados aos estudos de receção e às teorias do ‘ tiro pela culatra’, ‘ inoculação’, egocentrismo epistêmico e abordagens sobre comunicação emotiva durante a pandemia. A regulamentação das plataformas e das redes sociais é tratado pelo campo do Direito, que demonstra a necessidade de uma normatização internacional, considerando as implicações econômicas e políticas para os países.

Esta revisão estruturada da literatura também encontrou um consenso acadêmico sobre o termo ‘ *fake news*’ como insuficiente para descrever a complexidade do cenário informativo atual, especialmente nos meios digitais. A proposta de nomenclatura mais abrangente trazida por Wardle & Derakhshan (2017) – desordem informativa – parece mais adequada ao contexto da pandemia de Covid-19.

Para estudos futuros, há lacunas nas investigações empíricas que abordem a relação entre desordem informativa e a pandemia de Covid-19 considerando as fontes de informação e o contexto político e religioso, além de amostras significativas para inferências sobre perfil de vulnerabilidade à desinformação em diferentes realidades socioeconômicas.

REFERÊNCIAS

- Amaral, I., & Santos, S. J. (2019). Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade. In *Fake News e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade* (pp. 63–85). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-1778-7_5
- Amarante, E. (2020). The fake news pandemic on Facebook during the covid-19. *Estudos Em Comunicação*, 31, 51–68. <https://doi.org/10.25768/20.04.03.31.03>
- Andreatta, E. P. (2021). Fake news em tempos de pandemia: a urgência de novos multiletramentos na cultura digital. *Calidoscópico*, 19(1), 88–103. <https://doi.org/10.4013/CLD.2021.191.07>

- Apuke, O. D., & Omar, B. (2021). Fake news and COVID-19: modelling the predictors of fake news sharing among social media users. *Telematics and Informatics*, 56. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2020.101475>
- Arcila-Calderón, C., Blanco-Herrero, D., & Oller-Alonso, M. (2021). Trusting communication of the pandemic: The perceptions of spanish citizens regarding government information on covid-19. *Profesional de La Informacion*, 30(6), 1–13. <https://doi.org/10.3145/EPI.2021.NOV.06>
- Benito-Ruiz, E. (2009). Infocination 2.0. In *Handbook of Research on Web 2.0 and Second Language Learning* (pp. 60–79). IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-60566-190-2.ch004>
- Besalú, R., Pont-Sorribes, C., & Martí, A. (2021). Perceived Credibility of Tweets by Opinion Leaders During the COVID-19 Pandemic in Spain. *International Journal of Communication*, 15, 5158–5185. <http://ijoc.org>.
- Borah, P., Irom, B., & Hsu, Y. C. (2022). ‘It infuriates me’: examining young adults’ reactions to and recommendations to fight misinformation about COVID-19? *Journal of Youth Studies*, 25(10), 1411–1431. <https://doi.org/10.1080/13676261.2021.1965108>
- Bruns, A., Harrington, S., & Hurcombe, E. (2020). ‘Corona? 5G? or both?’: the dynamics of COVID-19/5G conspiracy theories on Facebook. *Media International Australia*, 177(1), 12–29. <https://doi.org/10.1177/1329878X20946113>
- Buturoiu, R., Corbu, N., Oprea, D. A., & Botan, M. (2022). Trust in information sources during the COVID-19 pandemic. A Romanian case study. *Communications*, 47(3), 375–394. <https://doi.org/10.1515/commun-2020-0052>
- Cardoso, G., Sepúlveda, R., & Narciso, I. (2022). WhatsApp and audio misinformation during the Covid-19 pandemic. *Profesional de La Informacion*, 31(3), 1–15. <https://doi.org/10.3145/epi.2022.may.21>
- Cook, J., Lewandowsky, S., & Ecker, U. K. H. (2017). Neutralizing misinformation through inoculation: Exposing misleading argumentation techniques reduces their influence. *PLoS ONE*, 12(5), 1–21. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0175799>

- Correia, J. C., Jerónimo, P., & Amaral, I. (2022). *Disinformation Studies: Perspectives from an Emerging Field* (Vol. 1). LabCom Books.
- Correia Santos, S. (2021). Fake news: como compreender a evolução do engano mediado. *Ámbitos. Revista Internacional de Comunicación*, 54, 122–139. <https://doi.org/10.12795/Ambitos.2021.i54.07>
- Das, R., & Ahmed, W. (2022). Rethinking Fake News: Disinformation and Ideology during the time of COVID-19 Global Pandemic. *IIM Kozhikode Society & Management Review*, 11(1), 146–159. <https://doi.org/10.1177/22779752211027382>
- Di Domenico, G., Nunan, D., & Pitardi, V. (2022). Marketplaces of Misinformation: A Study of How Vaccine Misinformation Is Legitimized on Social Media. *Journal of Public Policy and Marketing*, 41(4), 319–335. <https://doi.org/10.1177/07439156221103860>
- Domingues, L. (2021). Infodemia: uma ameaça à saúde pública global durante e após a pandemia de Covid-19. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação Em Saúde*, 15(1), 12–17. <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i4.2237>
- Duffy, A., Tandoc, E., & Ling, R. (2020). Too good to be true, too good not to share: the social utility of fake news. *Information Communication and Society*, 23(13), 1965–1979. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1623904>
- Emojong, O. (2021). Fear-arousing persuasive communication and behaviour change: Covid-19 in Kenya. *Journal of African Media Studies*, 13(2), 193–206. https://doi.org/10.1386/jams_00043_1
- Escolà-Gascón, Á., Dagnall, N., & Gallifa, J. (2021). Critical thinking predicts reductions in Spanish physicians' stress levels and promotes fake news detection. *Thinking Skills and Creativity*, 42. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2021.100934>
- Eysenbach, G. (2020). How to fight an infodemic: The four pillars of infodemic management. *Journal of Medical Internet Research*, 22(6), 1–6. <https://doi.org/10.2196/21820>
- Fachin, J., de Araujo, N. C., & de Sousa, J. C. (2020). Credibilidade de informações em tempos de COVID-19. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, 43(3). <https://doi.org/10.17533/UDEA.RIB.V43N3ERF3>

- Figueira, J., & Santos, S. (2019). *As Fake News e a nova Ordem (DES)informativa na era da pós-verdade* (01 ed., Vol. 01). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Gruzd, A., & Mai, P. (2020). Going viral: How a single tweet spawned a COVID-19 conspiracy theory on Twitter. *Big Data and Society*, 7(2), 1–9. <https://doi.org/10.1177/2053951720938405>
- Habermas, J. (2022). Reflections and Hypotheses on a Further Structural Transformation of the Political Public Sphere. *Theory, Culture & Society*, 39(4), 145–171. <https://doi.org/10.1177/02632764221112341>
- Halafoff, A., Marriott, E., Fitzpatrick, R., & Weng, E. (2022). Selling (Con)spirituality and COVID-19 in Australia: Convictions, Complexity and Countering Dis/misinformation. *Journal for the Academic Study of Religion*, 35(2), 141–167. <https://doi.org/10.1558/jasr.22810>
- Hameleers, M., & van der Meer, T. G. L. A. (2020). Misinformation and Polarization in a High-Choice Media Environment: How Effective Are Political Fact-Checkers? *Communication Research*, 47(2), 227–250. <https://doi.org/10.1177/0093650218819671>
- Han, B.-C. (2022). *Infocracia - A Digitalização e a Crise da Democracia*. Relógio D'Água Editores.
- Hansson, S., Orru, K., Torpan, S., Bäck, A., Kazemekaityte, A., Meyer, S. F., Ludvigsen, J., Savadori, L., Galvagni, A., & Pigrée, A. (2021). COVID-19 information disorder: six types of harmful information during the pandemic in Europe. *Journal of Risk Research*, 24(3–4), 380–393. <https://doi.org/10.1080/13669877.2020.1871058>
- Haupt, M. R., Li, J., & Mackey, T. K. (2021). Identifying and characterizing scientific authority-related misinformation discourse about hydroxychloroquine on twitter using unsupervised machine learning. *Big Data and Society*, 8(1), 1–15. <https://doi.org/10.1177/20539517211013843>
- Hodson, J., O'Meara, V., Thompson, C., Houlden, S., Gosse, C., & Veletsianos, G. (2022). “My People Already Know That”: The Imagined Audience and COVID-19 Health Information Sharing Practices on Social Media. *Social Media and Society*, 8(3), 1–11. <https://doi.org/10.1177/20563051221122463>

- Islam, A. K. M. N., Laato, S., Talukder, S., & Sutinen, E. (2020). Misinformation sharing and social media fatigue during COVID-19: An affordance and cognitive load perspective. *Technological Forecasting and Social Change*, 159. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2020.120201>
- Jang, H., Rempel, E., Roth, D., Carenini, G., & Janjua, N. Z. (2021). Tracking COVID-19 Discourse on Twitter in North America: Infodemiology Study Using Topic Modeling and Aspect-Based Sentiment Analysis. *Journal of Medical Internet Research*, 23(2), 1–12. <https://doi.org/10.2196/25431>
- Javed, R. T., Usama, M., Iqbal, W., Qadir, J., Tyson, G., Castro, I., & Garimella, K. (2022). A deep dive into COVID-19-related messages on WhatsApp in Pakistan. *Social Network Analysis and Mining*, 12(1). <https://doi.org/10.1007/s13278-021-00833-0>
- Khan, A. N. (2021). A diary study of psychological effects of misinformation and COVID-19 Threat on work engagement of working from home employees. *Technological Forecasting and Social Change*, 171. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2021.120968>
- Kim, S., & Kim, S. (2020). The crisis of public health and infodemic: Analyzing belief structure of fake news about covid-19 pandemic. *Sustainability*, 12(23), 1–23. <https://doi.org/10.3390/su12239904>
- Malecki, K. M. C., Keating, J. A., & Safdar, N. (2021). Crisis Communication and Public Perception of COVID-19 Risk in the Era of Social Media. *Clinical Infectious Diseases*, 72(4), 697–704. <https://doi.org/10.1093/cid/ciaa758>
- Manganello, J., Bleakley, A., & Schumacher, P. (2020). Pandemics and PSAs: Rapidly Changing Information in a New Media Landscape. *Health Communication*, 35(14), 1711–1714. <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1839192>
- Messaoud, M. ben. (2021). Social media and the COVID-19 pandemic: The dilemma of fake news clutter vs. social responsibility. *Journal of Arab and Muslim Media Research*, 14(1), 25–45. https://doi.org/10.1386/jammr_00023_1
- Musi, E., O'halloran, K., Aloumpi, M., Carmi, E., & Yates, S. (2022). Developing Fake News Immunity: Fallacies as Misinformation Triggers During the Pandemic. *Online Journal of Communication and Media Technologies*, 12(3), 1–18. <https://doi.org/10.30935/ojcmr/12083>

- Neuwirth, R. J. (2022). The Global Regulation of “Fake News” in the Time of Oxy-mora: Facts and Fictions about the Covid-19 Pandemic as Coincidences or Predictive Programming? *International Journal for the Semiotics of Law*, 35(3), 831–857. <https://doi.org/10.1007/s11196-021-09840-y>
- Oji, M. (2022). Conspiracy theories, misinformation, disinformation and the corona-virus: A burgeoning of post-truth in the social media. *Journal of African Media Studies*, 14(3), 439–453. https://doi.org/10.1386/jams_00087_1
- Paris, B., Carmien, K., & Marshall, M. (2022). “We want to do more, but...”: New Jersey public library approaches to misinformation. *Library and Information Science Research*, 44(2). <https://doi.org/10.1016/j.lisr.2022.101157>
- Pariser, E. (2011). *The Filter Bubble* (2nd ed.). Penguin.
- Patel, S. S., Moncayo, O. E., Conroy, K. M., Jordan, D., & Erickson, T. B. (2020). The landscape of disinformation on health crisis communication during the COVID-19 pandemic in Ukraine: hybrid warfare tactics, fake media news and review of evidence. *Journal of Science Communication*, 19(5), 1–26. <https://doi.org/10.22323/2.19050202>
- Paviotti, A. (2021). God and covid-19 in Burundian social media: The political fight for the control of the narrative. *Journal of African Media Studies*, 13(3), 385–397. https://doi.org/10.1386/JAMS_00055_1
- Pennycook, G., Epstein, Z., Mosleh, M., Arechar, A. A., Eckles, D., & Rand, D. G. (2021). Shifting attention to accuracy can reduce misinformation online. *Nature*, 592(7855), 590–595. <https://doi.org/10.1038/s41586-021-03344-2>
- Pennycook, G., McPhetres, J., Zhang, Y., Lu, J. G., & Rand, D. G. (2020). Fighting COVID-19 Misinformation on Social Media: Experimental Evidence for a Scalable Accuracy-Nudge Intervention. *Psychological Science*, 31(7), 770–780. <https://doi.org/10.1177/0956797620939054>
- Pennycook, G., & Rand, D. G. (2020). Who falls for fake news? The roles of bullshit receptivity, overclaiming, familiarity, and analytic thinking. *Journal of Personality*, 88(2), 185–200. <https://doi.org/10.1111/jopy.12476>
- Pennycook, G., & Rand, D. G. (2021). The Psychology of Fake News. *Trends in Cognitive Sciences*, 25(5), 388–402. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2021.02.007>

- Polyák, G., & Nagy, K. (2021). Regulating health communication in the post-truth era. *Intersections East European Journal of Society and Politics*, 7(3), 120–138. <https://doi.org/10.17356/ieejsp.v7i3.813>
- Puig, B., Blanco-Anaya, P., & Pérez-Maceira, J. J. (2021). “Fake News” or Real Science? Critical Thinking to Assess Information on COVID-19. *Frontiers in Education*, 6. <https://doi.org/10.3389/educ.2021.646909>
- Rajasekhar, S., Makesh, D., & Jaishree, S. (2021). Assessing media literacy levels among audience in seeking and processing health information during the covid-19 pandemic. *Media Watch*, 12(1), 93–108. <https://doi.org/10.15655/mw/2021/v12i1/205461>
- Salas-Paramo, J., & Escandon-Barbosa, D. (2022). The moderating effect of fake news on the relationship between behavioral patterns and vaccines. *Cogent Social Sciences*, 8(1), 1–16. <https://doi.org/10.1080/23311886.2022.2103900>
- Shen, L., & Zhou, Y. (2021). Epistemic Egocentrism and Processing of Vaccine Misinformation (Vis-à-vis Scientific Evidence): The Case of Vaccine-Autism Link. *Health Communication*, 36(11), 1405–1416. <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1761074>
- Stubenvoll, M. (2022). Investigating the Heterogeneity of Misperceptions: A Latent Profile Analysis of COVID-19 Beliefs and Their Consequences for Information-Seeking. *Science Communication*, 44(6), 759–789. <https://doi.org/10.1177/10755470221142304>
- Su, Y. (2021). It doesn't take a village to fall for misinformation: Social media use, discussion heterogeneity preference, worry of the virus, faith in scientists, and COVID-19-related misinformation beliefs. *Telematics and Informatics*, 58. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2020.101547>
- Tandoc, E. C., Lim, Z. W., & Ling, R. (2018). Defining “Fake News”: A typology of scholarly definitions. *Digital Journalism*, 6(2), 137–153. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>
- Teovanović, P., Lukić, P., Zupan, Z., Lazić, A., Ninković, M., & Žeželj, I. (2021). Irrational beliefs differentially predict adherence to guidelines and pseudoscientific practices during the COVID-19 pandemic. *Applied Cognitive Psychology*, 35(2), 486–496. <https://doi.org/10.1002/acp.3770>

- Trninić, D. (2021). Manner of usage and evaluation of information on the COVID-19 pandemic by citizens of Bosnia and Herzegovina within the context of five core concepts of media literacy. *Media Studies*, 12(23), 57–77. <https://doi.org/10.20901/ms.12.23.4/SUBMITTED>
- Uwalaka, T., Nwala, B., & Chinedu, A. C. (2021). Social media, fake news and fake covid-19 cures in Nigeria. *Journal of African Media Studies*, 13(3), 435–449. https://doi.org/10.1386/JAMS_00058_1
- van der Linden, S., Leiserowitz, A., Rosenthal, S., & Maibach, E. (2017). Inoculating the Public against Misinformation about Climate Change. *Global Challenges*, 1(2), 1600008. <https://doi.org/10.1002/gch2.201600008>
- van der Linden, S., Roozenbeek, J., & Compton, J. (2020). Inoculating Against Fake News About COVID-19. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.566790>
- van der Meer, T. G. L. A., & Jin, Y. (2020). Seeking Formula for Misinformation Treatment in Public Health Crises: The Effects of Corrective Information Type and Source. *Health Communication*, 35(5), 560–575. <https://doi.org/10.1080/10410236.2019.1573295>
- van Dijk, J. (2017). In data we trust? The implications of datafication for social monitoring. *MATRIZES*, 11(1), 39–59.
- Veletsianos, G., Houlden, S., Reid, D., Hodson, J., & Thompson, C. P. (2022). Design Principles for an Educational Intervention Into Online Vaccine Misinformation. *TechTrends*, 66(5), 748–759. <https://doi.org/10.1007/s11528-022-00755-4>
- Vivion, M., Anassour Laouan Sidi, E., Betsch, C., Dionne, M., Dubé, E., Driedger, S. M., Gagnon, D., Graham, J., Greyson, D., Hamel, D., Lewandowsky, S., MacDonald, N., Malo, B., Meyer, S. B., Schmid, P., Steenbeek, A., van der Linden, S., Verger, P., Witteman, H. O., & Yesilada, M. (2022). Prebunking messaging to inoculate against COVID-19 vaccine misinformation: an effective strategy for public health. *Journal of Communication in Healthcare*, 15(3), 232–242. <https://doi.org/10.1080/17538068.2022.2044606>
- Wardle, C. (2018). The Need for Smarter Definitions and Practical, Timely Empirical Research on Information Disorder. *Digital Journalism*, 6(8), 951–963. <https://doi.org/10.1080/21670811.2018.1502047>

- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. www.coe.int
- Weil, A. M., & Wolfe, C. R. (2022). Individual differences in risk perception and misperception of COVID-19 in the context of political ideology. *Applied Cognitive Psychology, 36*(1), 19–31. <https://doi.org/10.1002/acp.3894>
- Wright, C. L., & Duong, H. (2021). COVID-19 Fake News and Attitudes toward Asian Americans. *Journal of Media Research, 14*(1 (39)), 5–29. <https://doi.org/10.24193/jmr.39.1>